

“FUNDAÇÃO DE SÃO VICENTE”, DE BENEDITO CALIXTO: DA COMEMORAÇÃO DO IV CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL AO MUSEU PAULISTA

Eduardo Polidori¹

Introdução

A “Fundação de São Vicente”, de Benedito Calixto, foi incorporada à coleção do Museu Paulista em novembro de 1900. Por representar o contato inicial entre Martim Afonso de Souza e os líderes indígenas Tibiriçá e Caiubi no momento da fundação da capitania de São Vicente, a tela foi mobilizada ao longo do século XX como parte da construção do imaginário político brasileiro, tomando a experiência paulista como referencial. Teceremos algumas reflexões sobre as condições de sua inauguração e exibição durante as festas do IV Centenário do Descobrimento do Brasil em São Vicente até a doação para o Museu Paulista, à época dirigido por Hermann von Ihering. As considerações ora apresentadas derivam da pesquisa “Fundação de São Vicente, de Benedito Calixto: composição, musealização e apropriação (1900-1932)” em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo.

A “Exposição Artística e Archeologica” de 1900

Entre abril e maio de 1900, na cidade de São Vicente, a “Sociedade Comemoradora do IV Centenário da Descoberta do Brasil” organizou e realizou a exposição comemorativa prevista como parte das programações previstas.² Por noticiar cotidianamente seus preparativos, o jornal *Cidade de Santos* informa que a inauguração, devido ao mau-tempo, fez com que fosse adiada para o dia 20 de abril.

Os objetos e coleções foram alocados em três salas da “Escola do Povo”, além do espaço exterior do edifício. Um destaque seria a “Fundação de São Vicente” [FIG. 1], declarava *O Estado de São Paulo*, “a grande tela histórica de Benedicto Calixto”, finalmente inaugurada, sob a presença de autoridades e jornalistas, quando da solenidade de abertura da própria exposição.³

Sua descrição se deu nos seguintes termos:

“Um grande quadro historico de B. Calixto, denominado O Desembarque, e medindo 4 metros de comprimento por 2 de altura.” e representando “(...) [a] Apresentação dos chefes indígenas Tibiriçá e Caa-Uby, por João Ramalho e Antonio Rodrigues, ao primeiro

¹ Mestrando em Museologia (PPGMUS/USP) e bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo.

² *Estatutos da Sociedade Comemoradora do IV Centenário da Descoberta do Brasil*, Capítulo I, Artigo 2º, p. 02.

³ *O Estado de S. Paulo*, 21 de abril de 1900, p. 02.

donatario da capitania de S. Vicente, no intuito de conferenciar sobre a posição a escolher para a futura povoação. (...)”⁴

A anônima retórica panegírica imputava-lhe o mérito de ser uma fonte de verdade histórica melhor do que a provida por “A Partida da Monção” (o.s.t., 390 x 640 cm, 1897), do ituano José Ferraz de Almeida Júnior, e por “A Primeira Missa no Brasil” (o.s.t., 268 x 356 cm, 1860) de Victor Meirelles de Lima.⁵ De breve passagem pela cidade, a escritora espanhola Eva Canel, cuja impressão também foi registrada pelo *Estado*, opinava que a obra deveria ser enviada para a “grande exposição de Paris”, referindo-se à Exposição Universal de 1900.⁶ [FIGS. 2 e 3]

A tela fora exposta logo na primeira sala, conjuntamente ao retrato do navegador portu-guês Martim Afonso de Souza (o.s.t., 200 x 130 cm, 1900), também da autoria de Calixto, e da carta enviada por Victor Meirelles ao pintor em 1892, onde opinava sobre a composição plásti-ca.⁷ Fica evidente o célebre pintor catarinense atuar sobre a “Fundação de São Vicente” como autenticação de suas qualidades artísticas, certificação que alavancava potencialmente a imagem de Calixto em relação à comunidade à qual se reportava. [FIG. 4]

Já o retrato de Martim Afonso de Souza desperta no espectador o vínculo imediato com a “Fundação de São Vicente”, onde o mesmo personagem ocupa uma posição destacadamente cen-tralizada e à altura de quem a observa. A indução do olhar cumpre, nesse sentido, função imedia-ta evidente: destacar o navegador em relação aos demais personagens presentes na composição de grande formato.

A escolha de Calixto em evidenciar Martim Afonso, no entanto, estava possivelmente re-lacionada com a querela relativa a biografia de João Ramalho, levantada por José Luiz Alves no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em abril de 1899, mas discutida efetivamente pelos membros do IHGSP apenas a partir de 1902.⁸ A disputa estava circunscrita ao debate sobre a sua idade, cuja incerteza levava à hipótese de que teria desembarcado no Brasil em 1490, precedendo as expedições cabralina e colombiana: no limite, a ocupação do território americano poderia ter se iniciado pelas praias paulistas.

Durante os últimos anos da década de 1890 o debate permanecia em aberto, portanto, e suscitava certa precaução mesmo na representação plástica: na “Fundação de São Vicente”, João Ramalho aparece de frente para Martim Afonso e de costas para o espectador. Segundo Cylaine Maria das Neves, Calixto, que também escrevia sobre a história paulista e vicentina, foi o único a conferir destaque à figura do navegador.⁹ Notório é que o pintor optou por representar as mes-mas personagens em posições trocadas, alguns anos

⁴ *Cidade de Santos*, 21 de abril de 1900, p. 01.

⁵ *O Estado de São Paulo*, 16 de março de 1900, p. 01.

⁶ *Idem*.

⁷ Acervo de Celso Calixto Rios, a quem agraco o acesso e a concessão de imagens.

⁸ Cf. CAPELATO, M. H. R. et FERRETTI, D. J. Z. João Ramalho e as origens da nação: os paulistas na comemoração do IV centenário da descoberta do Brasil. IN: **Revista Tempo**, v. 08.

⁹ NEVES, C. M. das. **A Vila de São Paulo de Piratininga. Fundação e Representação**. São Paulo: Annablume; FAPESP; 2007. p. 195-220.

depois, em “João Ramalho aponta o cami-nho de Piratininga a Martim Afonso de Souza” (c. 1912), atualmente pertencente ao Palácio de São Joaquim, no Rio de Janeiro. Naquele momento, a “questão ramalhista” já havia sido resolvi-da no IHGSP, reabilitando a figura de João Ramalho na historiografia. [FIG. 5]

É imperioso notar, além disso, que a participação de Martim Afonso na fundação da capi-tania vicentina era um consenso entre os historiadores de fins de século.¹⁰ Mesmo Calixto, ape-nas cinco anos antes, quando da publicação de “Villa de Itanhaen”, asseverava ter sido o navega-dor português responsável (tão somente) pela fundação de São Vicente, cabendo exclusivamente aos padres jesuítas os louros pelo assentamento no planalto piratingano:

“A povoação de S. Paulo teve o seu começo em fins de 1553 e foi exclusiva-mente fundada pelos jezuitas, que só chegaram ao Brazil em 1549, na compa-nhia de Thomé de Souza. O Martim Affonso que tão intimamente se achava ligado à história da fundação de S. Paulo, de commum accordo com os jezuitas, nas luctas que se travaram entre as duas povoações de Santo André e S. Paulo, nos assaltos constantes que esta povoação soffreu dos Mamelucos, não é Mar-tim Affonso, o Donatario, porém, Martim Affonso Tibiriçá, nome que adoptou no baptismo este valoroso chefe indigena, que tantos e importantes serviços prestou aos colonisadores de S. Vicente, e aos fundadores de S. Paulo - os jezuitas.”[grifos nossos].¹¹

Celebrar o descobrimento do Brasil em São Vicente era celebrar a própria experiência da participação do território paulista na formação do Brasil. Ao contrário das programações levadas a cabo na capital federal, a comemoração vicentina fora organizada por uma associação particular agremiada exclusivamente para homenagear a memória do Descobrimento, mas cujos *Estatutos* firmavam, logo em seu primeiro artigo, o compromisso em erigir um momento público em homenagem aos fundadores da capitania de São Vicente.¹² Conforme notou Paulo César Garcez Marins, esse “malabarismo” espacial e temporal era útil à afirmação simbólica das elites paulistas, sobretudo pelas crises e instabilidades enfrentadas no governo federal.¹³

Na edição especial do semanário *Vicentino*, de maio de 1900, o professor Carlos Escobar foi responsável por apresentar aos leitores a história do descobrimento do Brasil. O elogio à capi-tania de São Vicente é seguido por uma minuciosa descrição da obra de Calixto, reproduzida a seguir:

“(…) A tela de Benedicto Calixto, exposta na Escola do Povo, descreve divina-mente a aliança dos gentios. Ahi ão da tela ao Museu Paulista vemos Ramalho e Tebyriçá, com os

¹⁰ Ibidem.

¹¹ CALIXTO de Jesus, B. *A Villa de Itanhaén. Segunda povoação fundada por Martim Affonso de Souza*. Santos: Typ. do Diario de Santos, 1895. p. 09-10; para uma posição contemporânea distinta, cf. IHERING, H. von. *Historia do Monumento do Ypiranga e do Museu Paulista*. IN: *Revista do Museu Paulista*. São Paulo: Typ. a Vapor de Hennies Irmãos, 1895, p. 01.

¹² *Estatutos da Sociedade Commemoradora do IV Centenário da Descoberta do Brazil*, Capítulo I, Artigo 1º, Parágrafo 2º, p. 02.

¹³ MARINS, P. C. G. Nas matas com poses de reis: a representação de bandeirantes e a tradição da retratística monárquica europeia. IN: *Revista do IEB*, n. 44, fev. 2007. p. 87.

índios da Borda do Campo, em atitude pacífica, ao lado de Martim Affonso e de seu sequito, combinando a fundação da villa de S. Vicen-te.”.

Consoante ao que fora publicado no *Cidade de Santos*, a tela é tomada como fonte de verdade histórica. A recepção da imprensa encampa uma narrativa que privilegia o contato pacífico entre portugueses e indígenas. Mobilizada pela Sociedade Commemoradora como um emblema, a imagem da tela foi amplamente difundida, como nos informa os agradecimentos d’*O Paiz* pelo recebimento do diploma de sócio-honorário:

“(…) entre inscripções referentes a factos historicos salientes da vida da Nação Brasileira, nos primeiros tempos, estão reproduzidos os dois conhecidos quadros: A fundação de S. Vicente, de B. Calixto e a Partida da Monsão, essa obra prima do pranteado pintor brasileiro Almeida Junior. (...)”.¹⁴

Um segundo exemplo são as cartas enviadas pela associação, cujo timbre reproduz a figura de Piquerobi e seu grupo, também representados no quadrante inferior direito da tela. [FIG. 6] Fica evidente, portanto, que a Sociedade Commemoradora adotou a imagem da obra como parte de seu repertório identitário e simbólico, tornando-se conseqüentemente seu principal agente de difusão e circulação no período anterior à entrada no acervo do Museu, prática que se desdobrou, entre outros, também em livros didáticos e cartões postais.

Após o encerramento da exposição, em 13 de maio de 1900, não localizamos informações precisas sobre o paradeiro da tela, sendo provável que tenha ficado em posse de Benedito Calixto até o momento da doação e do envio para o Museu Paulista, sobre o que discorreremos a seguir.

A “Fundação de São Vicente” no Museu Paulista

Quem abrisse *O Estado de São Paulo* na manhã de 11 de novembro de 1900 não demoraria a se informar sobre a chegada da “Fundação de São Vicente” ao Museu Paulista que, desde a véspera, esperava visitantes na sala B-11.¹⁵

No dia seguinte, em ofício a Bento Bueno, secretário do interior, o diretor Hermann von Ihering informou a recepção da obra e, ao mesmo tempo, cobrava o envio do documento que formalizava a doação da tela ao Governo do Estado, para que a tela fosse registrada na coleção.¹⁶ É von Ihering quem nos informa também que o local de exibição da tela fora escolha de Benedito Calixto, que provavelmente acompanhou sua entrega, desembalagem e instalação.

¹⁴ *O Paiz*, 31 de agosto de 1900, p. 02. Ressaltamos que o diploma não foi localizado.

¹⁵ Cf. *O Estado de S. Paulo*, 11 de novembro de 1900, p. 01 e *O Commercio de S. Paulo*, 11 de novembro de 1900, p. 01.

¹⁶ *Ofício de Hermann von Ihering a Secretaria do Interior*, 12/11/1900. Fundo Museu Paulista, pasta 74. O documento aparece registrado com o número 91 no *Livro de Registros de Protocolos Enviados do Museu*, p. 30-31.

Embora a Sociedade Commemoradora tenha enviado a “Fundação de São Vicente” como agradecimento ao Governo do Estado pelas verbas votadas para a realização das comemorações do IV Centenário, é lícito inferir sua entrada extra-oficial nas dependências do Museu.¹⁷ Um mês depois, em 15 de dezembro, Bento Bueno encaminhou a carta assinada pelo capitão Gregório I. de Freitas, então presidente da associação, atestando a doação da:

(...) grandiosa tela histórica representando a Fundação da Capitania de São Vicente, cellula mãe não só do Estado de S. Paulo, como da Patria Brasileira, a qual tela foi pintada pelo artista nacional B. Calixto por en-commenda desta Sociedade para commemorar-se o Quarto Centenario do Descobrimento do Brasil. (...).¹⁸

A carta faz ecoar, por sua tonalidade retórica, a tentativa de afirmação simbólica a que nos referimos anteriormente a partir do agenciamento da participação paulista na formação histórica do Brasil, tomando a povoação vicentina como epicentro do processo de ocupação do território brasileiro. Suas largas dimensões e a temática essencialmente celebrativa da história de São Paulo fazem supor que o seu destino final, o Museu Paulista, estivesse previsto desde o processo inicial de encomenda.¹⁹

Na sala B-11 encontravam-se expostas as coleções de mineralogia e paleontologia, o que validaria certa incompreensão sobre os sentidos relacionais partilhados entre objetos de natureza essencialmente distinta. É absolutamente pertinente, no entanto, recobrar que a “Fundação de São Vicente” fora alocada ali como escolha pessoal de Calixto, parecendo-nos plausível descartar qualquer hipótese que imprima ao fato qualquer indício de aleatoriedade, casualidade ou ingerência de von Ihering em relação às coleções de história no Museu.²⁰

Ainda que o *Guia pelas Collecções do Museu Paulista* (de 1907) informe sobre os objetos em exposição na sala B-11²¹, interessaria notar, cumprindo nossos propósitos mais imediatos, a homologia semântica que permite observá-los como parte de um mesmo conjunto: a formação e ocupação histórica e natural do território paulista e brasileiro. A função da sala B-11 era, segundo o que pudemos constatar, informar e instruir o visitante a perceber o processo natural e humano que condicionou a formação do Brasil, sempre a partir do Estado de São Paulo, como instruíra o artigo 2º do decreto nº 249, o Museu seria dedicado à “história natural e cultural do homem”.²²

¹⁷ *Correspondência de Benedito Calixto com a Sociedade Commemoradora*. Cf. Fundo IHGSP/APESP – pasta nº 240.

¹⁸ *Ofício da Sociedade Commemoradora da Descoberta do Brasil ao gabinete da Presidência do Estado de São Paulo*, 11/12/1900. Fundo Secretaria do Interior/APESP.

¹⁹ THUILLER, J. Le problème des “grands formats”. IN: *Revue de l’Art*, n. 102, 1993.

²⁰ Cf. BREFE, A. C. F. *O Museu Paulista: Afonso Taunay e a Memória Nacional (1917-1945)*. EDUNESP, Museu Paulista da USP, 2003. p. 90, n. 04: “É o caso, por exemplo, da tela Fundação de São Vicente, de Benedito Calixto, disposta na sala B11, dedicada à mineralogia e à paleontologia. Além de pedras e fósseis, a tela ainda divide espaço com pequenos quadros representando gêiseres e paisagens de antigas épocas geológicas (!), como pode ser constatado pela descrição da sala presente no *Guia pelas Collecções*”.

²¹ *Guia pelas collecções do Museu Paulista*, 1907, op. cit., p. 102-104.

²² Decreto n. 249 de 26 de julho de 1894. IN: Acervo histórico/ALESP.

Essa troca complementar de sentidos remete ao sentido da obra de Calixto em reafirmar o destaque da história colonial vicentina frente à unidade nacional celebrada em 1900. Além disso, seria fundamental observar também a centralidade da natureza na composição da tela: é o litoral que agencia a chegada da “civilização europeia” e o encontro pacífico com os indígenas. A fundação é, nesse sentido, um ato essencialmente conciliatório, quiçá diplomático.²³

A natureza seria a mediadora e a provedora desse encontro. Essa exaltação consistia em um *topos* retórico recorrente no discurso ufanista fortemente presente entre os articuladores da comemoração do IV Centenário do Descobrimento, como anteparo à desconfiança ainda muito presente em relação ao governo republicano.²⁴ A tela “Fundação de São Vicente” cristaliza a re-presentação de um litoral exuberante, pacífico e pacificador, convergindo com o discurso da Sociedade Comemoradora. Enfim, a cordialidade entre o português e o indígena guarda uma assimetria em relação ao processo de expansão da lavoura e da ferrovia em fins do século XIX, marcado pela violência em relação à população indígena.

As trocas e comunicações de sentidos mapeadas a partir da “Fundação de São Vicente” elucidam as redes de agentes envolvidos na formação da coleção de história do Museu Paulista, bem como o mapeamento dos grupos de interesses atuantes na emolduração do imaginário político paulista e brasileiro ao longo do século XX, processo que justificou o presente estudo de caso, cujo objetivo foi fomentar e contribuir com a problematização da dimensão política dos acervos museológicos públicos.



Figura 01: Benedito Calixto. *Fundação de São Vicente*. Óleo sobre tela, 385 x 192 cm, 1900. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Crédito: Itaú Cultural

²³ ALVES, C. F. **Benedito Calixto e a construção do imaginário republicano**. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p. 216.

²⁴ WANDERLEY, M. da R. **Jubileu Nacional: A Comemoração do Quadricentenário do Descobrimento do Brasil e a Refundação da Identidade Nacional (1900)**. Dissertação de Mestrado: IFCH/UFRJ, 1998, p. 128 e 158.



Figura 02: José Ferraz de Almeida Júnior. *Partida da Monção*. 1897. Óleo sobre tela, 390 x 640 cm. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Crédito: Itaú Cultural



Figura 03: Victor Meirelles de Lima. *Primeira Missa no Brasil*. 1860. Óleo sobre tela, 268 x 356 cm. Acervo do Museu Nacional de Belas Artes. Crédito: Itaú Cultural



Figura 04: Benedito Calixto. *Retrato de Martim Afonso de Souza*. 1900. Óleo sobre tela, 200 x 130 cm. Acervo da Prefeitura Municipal de São Vicente. Crédito: Amauri Alves.



Figura 05: Benedito Calixto. *João Ramalho aponta o caminho de Piratininga a Martim Afonso de Souza*. c. 1912. Óleo sobre tela. Acervo do Palácio São Joaquim, RJ. Crédito: Multirio. www.multirio.rj.gov.br.

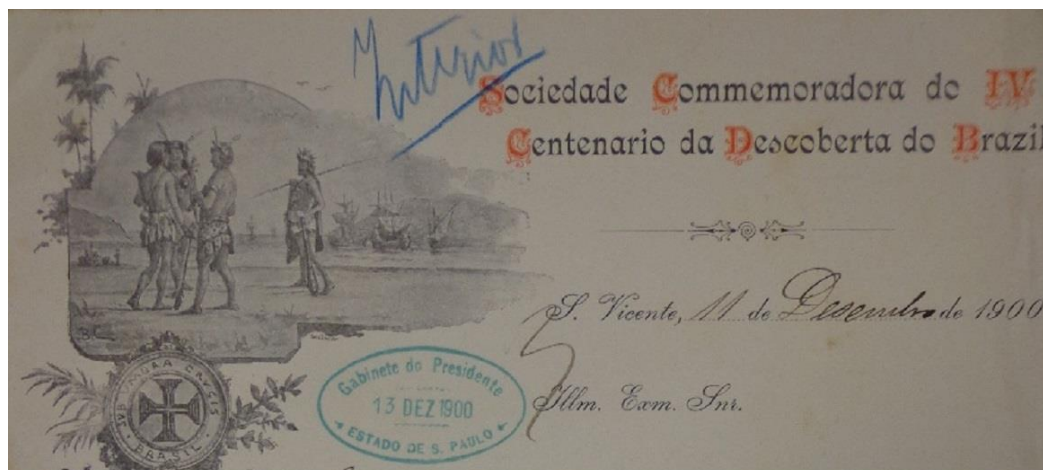


Figura 06: Correspondência timbrada da “Sociedade Comemoradora do IV Centenário da Descoberta do Brazil.”. Fundo: Secretaria do Interior, 1900-1902. Acervo ALESP. Crédito do autor.

Referências Bibliográficas

- ALVES, A. M. de. A. **O Ipiranga apropriado: ciência, política e poder.** *O Museu Paulista 1893-1922.* São Paulo: Humanitas, EDUSP, 2001.
- ALVES, C. F. **Benedito Calixto e a construção do imaginário republicano.** Bauru: EDUSC, 2003.
- ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** (Trad. Denise Bottman). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BREFE, A. C. F. **O Museu Paulista – Afonso Taunay e a memória nacional.** São Paulo: Editora UNESP, Museu Paulista, 2005.
- COLI, J. **Como estudar a arte brasileira do século XIX?** São Paulo: Editora SENAC de São Paulo, 2005. (Série Livre Pensar, 17).
- COSTA, A. M. da et SCHWARCZ, L. M. **1890-1914: No tempo das certezas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FERREIRA, A. C. **A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940).** São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- FIGUEIREDO, B. G. et VIDAL, D. G. (orgs.) **Museus. Dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna.** Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. (Coleção Patrimônio, 5).
- FIGUEIRÔA, S. F. M. **Modernos Bandeirantes: A Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo e a exploração científica do território paulista (1886-1931).** Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, 1987.
- GAGLIARDI, J. M. **O indígena e a República.** São Paulo: EDUSP, Hucitec, SEC-SP, 1989.
- GEARY, P. J. **O Mito das Nações. A invenção do nacionalismo.** São Paulo: Conrad, 2005.

HOOPER-GREENHILL, E. **Museums and the Interpretation of Visual Culture**. Routledge: New York, 2000.

LIMA JR., C. R. **Um artista às margens do Ipiranga: Oscar Pereira da Silva, o Museu Paulista e a reelaboração do passado nacional**. Dissertação de Mestrado. IEB/USP, 2015.

MARINS, P. C. G. Nas matas com poses de reis: a representação de bandeirantes e a tradição da retratística monárquica europeia. IN: **Revista do IEB**, n. 44, fev. 2007.

MATOS, O. N. de. **Afonso Taunay, historiador de São Paulo e do Brasil. Perfil biográfico e ensaio bibliográfico**. São Paulo: Museu Paulista da USP, 1977. (Coleção Museu Paulista, série ensaios, vol. 01).

MENESES, U.T.B. Pintura histórica: documento histórico? IN: Museu Paulista – USP (org.). **Como explorar um museu histórico (material didático)**. São Paulo: Museu Paulista - USP, 1992.

_____. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. IN: **Anais do Museu Paulista**, SP, v. 2, jan/dez, 1994.

MONTEIRO, M. C. S. **Fundação de São Paulo, de Oscar Pereira da Silva: trajetórias de uma imagem urbana**. Dissertação de Mestrado, FAU-USP, 2012.

MORAES, F. R. de. Uma coleção de história em um museu de ciências naturais: o Museu Paulista de Hermann von Ihering. IN: **Anais do Museu Paulista**, v. 16, n. 01, p. 220-221.

NERY, P. **Arte, pátria e civilização. A formação dos acervos artísticos do Museu Paulista e da Pinacoteca do Estado de São Paulo. (1893-1912)**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, 2015.

NEVES, C. M. das. **A Vila de São Paulo de Piratininga. Fundação e Representação**. São Paulo: Annablume; FAPESP; 2007.

OLIVEIRA, L. L. **A Questão Nacional na Primeira República**. São Paulo, Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, Maria Alice Milliet de (org.). **Benedito Calixto: memória paulista**. São Paulo: Banespa/Pinacoteca do Estado, 1990.

PICCOLI, V. (org.) et al. **Coleções em Diálogo: Museu Paulista e Pinacoteca de São Paulo**. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2016.

SCHWARCZ, L. K. M. **O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

STUMPF, L. K. **A terceira margem do Rio: mercado e sujeitos na pintura de história de Antônio Parreiras**. Dissertação de Mestrado. IEB/USP, 2014.

SOUZA, Marli Nunes de (org.). **Benedito Calixto: um pintor à beira mar**. (catálogo) Santos: Fundação Pinacoteca Benedito Calixto, 2002.

THUILLER, J. Le problème des “grands formats”. IN: **Revue de l’Art**, n. 102, 1993.

WANDERLEY, M. da R. **Jubileu Nacional: A comemoração do quadricentenário do Descobrimento do Brasil e a refundação da identidade nacional (1900)**. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 1997.